

SARR, Felwine. 2019. Afrotopia. São Paulo: n-1 edições.

Aline Cristina Campos de Souza

Doutoranda em Ciências Sociais/Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

[alinecoletivoprovisorio@gmail.com](mailto:alinecoletivoprovisorio@gmail.com)

Escrito em 2016, em período anterior ao Covid 19, a obra Afrotopia aparece como uma tese premonitória ao apontar a necessidade da valorização de novos modos de viver o agora com propostas e reflexões sobre as dinâmicas sociais no continente africano nas dimensões culturais, políticas e econômicas. Além disso, nos diz sobre a importância de deixar para trás, fórmulas hegemônicas ocidentais e brancas causadoras de destruição ambiental, do consumo desenfreado e de outros tipos de violências e violações. Há, no livro, uma mensagem de mudança de mentalidade, que nos envolve logo pelo título: Afrotopia! Esse aponta uma utopia a partir de uma premissa africana, preconizando que o continente ocupe o centro. Também encontramos neste, de maneira bem fundamentada, críticas às noções economicistas de desenvolvimento e uma recusa aos essencialismos. Percebe-se, portanto, que Afrotopia valoriza a multiplicidade do continente que é grande tanto em proporção territorial, quanto populacional: possui 54 países e 2092 línguas faladas.

O autor do livro, Felwine Sarr, nasceu em Niodior, uma ilha do Senegal, é músico, escritor, economista e professor da Universidade Gaston Berger de Saint- Louis. Estudou o primário e o secundário em seu país de origem e continuou sua formação na França. Afrotopia, lançado em 2016, é seu quarto livro, tendo publicado também: Dahij (2009); 105 Rue Carnot (2011); Méditations Africaines (2012); Ishindenshin (2017); Habiter le Monde (2017); e Écrire L'Afrique-Monde (2016, organizado junto a Achille Mbembe na coleção *Atelier de la Pensée*). A obra, escrita originalmente em francês, conta com traduções em português, inglês, alemão e espanhol. A edição brasileira é de 2019, foi traduzida por Sebastião Nascimento e tem 162 páginas.

Chama atenção o fato de as questões abordadas no livro partirem da economia, campo que, em muitos momentos, opta por uma visão determinista sobre o funcionamento da sociedade. Mas a leitura deste, nos leva a pensar em outros termos. Tratando, por exemplo, da etimologia, economia cujo significado é a junção de duas palavras gregas: “oikos”, que significa casa, e “nomos”, que significa lei, ordem; portanto é administração de uma casa. Sarr, de modo particular, apresenta alternativas para o gerenciamento deste ambiente, o continente africano. Essa proposta permite a reflexão sobre nossa própria moradia, nos colocando como seres atuantes e responsáveis pelas ações necessárias para provocar mudanças. O autor trabalha com uma proposta transdisciplinar que recupera a importância de uma dimensão ampla do pensamento com argumentos de outros campos do conhecimento – como filosofia, antropologia, história, artes – e aponta reflexões sobre outros projetos de sociedade.

Esta metáfora de futuro chega-nos com uma linguagem acessível para diversos públicos. Sarr, em diferentes entrevistas, diz que pensou o livro para juventude dos países africanos, no sentido de contribuir com um pensamento que fosse além do afropessimismo, reinante nos anos de 1960. Isso porque apontava o continente como “reservatório de misérias”,

inscrito no imaginário coletivo sob a égide do fracasso, do déficit, da carência, da deficiência. (...) E também que pudesse ir além do seu oposto, o otimismo exagerado, ligado a uma visão econômica de rentabilidade e exploração das riquezas naturais e matérias-primas que enxerga o continente como o futuro, eldorado do capitalismo mundial (Sarr 2019: 9-10).

O autor propõe também uma reflexão crítica do continente sobre si mesmo, articulações de pensamentos das sociedades africanas que construam imaginários sobre o presente, o destino e o futuro: “O Afrotopos é esse lugar da África, cujo advento precisa ser acelerado para que a realização de suas auspiciosas potencialidades.” (Sarr 2019: 14). A Afrotopia é entendida “como ‘utopia ativa’ que exige absoluta soberania intelectual” (*idem*), que será alcançada por meio de ações que identifiquem as dinâmicas em curso e promovam transformações positivas.

Para o intelectual, pensamentos e práticas predominantes no campo econômico se associam a uma projeção do ocidente (entendido aqui como Europa e América do Norte), sobre as sociedades africanas, com conceitos que determinam um lugar a ser ocupado em uma ordem social industrial. Conceitos como desenvolvimento, emergente, ODM (Objetivos do Desenvolvimento do Milênio), trazem universos de outras realidades e tentam impor um modelo único à “complexidade cultural, social, política e econômica”

do continente. É parte de um discurso que se propõe a manter o mito utópico do ocidente no centro. Sarr afirma que este processo de ocidentalização “está em curso desde a colonização”, por meio da adoção de “línguas oficiais, sistema educacional, administração econômica e instituições” (Sarr 2019: 36). Mas, nem por isso esses modelos e sistemas foram totalmente aderidos, outras formas de convivialidade são experimentadas por sociedades que se esquivam e continuam alimentando seu próprio modo de ser e estar no mundo.

No livro há uma interessante discussão sobre modernidade, tradição e afrocontemporaneidade. “A modernidade seria definida como aquilo que substancialmente se opõe aos valores, aos sistemas de referências, em suma, às epistemes oriundas da tradição” (Sarr 2019: 31). A modernidade atuaria, assim, contra uma temporalidade classificada como imóvel; ela seria necessária para que o continente fosse comparável aos países da América do Norte e da Europa, com a tentativa de se encaixar a padrões externos. Com a leitura, chegamos a um entendimento sobre a tradição. O teórico traz a concepção de Oscar Bimwenyi-Kweshi, para quem “a tradição é o lugar onde se configuram os valores espirituais fundamentais que dão sentido à vida” (Sarr 2019: 32).

Sarr discute a questão da modernidade africana, perguntando-se sobre contornos e conteúdos da mesma, de modo que, não seja cópia ou imitação da Europa. Para auxiliar no pensamento, o autor apresenta a concepção de Luc Ngowet, um dos intelectuais africanos que reafirma a necessidade de um discurso próprio da África. Essa concepção, desde dentro sobre a modernidade, está presente no continente desde o século XVII. O autor cita o exemplo da elite intelectual do Império Songhai, que refletiu sobre a influência do Islã na política africana. De acordo como estudioso, Ngowet entende que a modernidade africana “trata-se de um *continuum* histórico e psicossociológico resultante de uma série de eventos políticos marcantes da história africana” (Sarr 2019: 37), como exemplo o encontro com o oriente e o ocidente; os processos das independências da era pós-colonial, e das transições democráticas vivenciadas em diversos países. A modernidade africana “já está aqui e não por ser inventada” (Sarr 2019: 38). Essa é uma considerável alegação, pois mexe com o imaginário que congela o pensamento comum sobre África.

Afrocontemporaneidade seria esse tempo presente “da vivência dos africanos, incorporando seu passado e grande parte do seu futuro que é preciso conceber” (Sarr 2019: 39-40). As sociedades africanas vivem uma justaposição de temporalidades e epistemes “onde diversos sistemas de referências podem coabitar, negociar, entrar em conflito ou se interfecundar” (Sarr 2019: 40). Nesse sentido, Sarr usa o termo “contemporaneidade de diferentes mundos” para descrever essa experiência, e nos lembra que:

essa África que é e que advém é proteiforme. Sua razão é plural. Ela não desencantou seus mundos. Nela a vida espiritual ainda é vivaz e efervescente. Suas religiões, suas músicas, suas artes, suas cidades, a relação do indivíduo consigo mesmo, com o próprio corpo, com sua presença no tempo estão todas presentes para testemunhar essa cotidiana invenção de si (Sarr 2019: 41).

Esses pontos avançam para uma compreensão de expansão desse projeto social para outras partes do mundo, e o autor começa a elucidar como entende que esse caminho pode ser. Para Sarr é necessária a formulação de novas teorias sociais e políticas que orientem a ortogênese de um pensamento e articulação de um projeto social africano. Segundo ele, a transformação social é dirigida, não é orgânica. E em um contexto em que diferentes forças atuam – lobbies, empresas multinacionais, instituições internacionais, ONGs, movimentos religiosos, mídia de massa e elites locais – a soberania política, intelectual e cultural é fundamental para operar as próprias escolhas. O caminho passa pela retomada do “controle de seus espaços políticos (minados por dentro e por fora), mas também de seus recursos, além de repensar suas economias e formas institucionais e reenquadrá-las em suas perspectivas socioculturais” (Sarr 2019: 44). Para isso, dois recursos devem ser acionados: autonomia e garantia de que as coisas acontecerão no tempo próprio, não naquele dito necessário para o progresso. O tempo próprio deve ser respeitado, pois, trata-se de um continente que sofreu choques como quatro séculos de tráfico transatlântico e um século de colonização, que gerou consequências em todos os âmbitos e com efeitos que persistem até os dias atuais.

Reforçando o campo de conhecimento ao qual é vinculado, Sarr retoma a discussão sobre economia, trazendo outro sentido; para ele, “o ato econômico é, antes de mais nada, uma relação social” (Sarr 2019: 65), e o imaginário e o simbólico influenciam na transformação estrutural das economias. Nesse sentido, “a eficiência de um sistema econômico está profundamente ligada ao grau de adequação ao seu contexto cultural” (*Idem*: 65). Além da eficiência, é importante ter em mente que a proposta do autor é pensar um projeto social que articule cultura e economia, de modo a garantir suas particularidades, “com um intuito qualificado como civilizacional, isto é, que permita alcançar as finalidades avaliadas como as melhores pelo indivíduo e pelo grupo” (*Idem*: 65). As motivações do *homo africanus* operam por lógicas como honra, redistribuição dos dons e contradons; nesse sentido uma abordagem econômica deve ter em vista um sistema social mais amplo, que considere a noção de “boa vida” de grupos e indivíduos.

Tratando esses ensinamentos como parte da população que foi forçosamente dispersa para outras partes do mundo, entendo que seja possível, com as devidas

contextualizações, usar parte das análises tratadas no livro para reflexões sobre possíveis saídas para a população da diáspora, palavra esta que “quer dizer ‘semear através’, faz alusão ao processo pelo qual estes africanos, brutalmente desenraizados de tudo o que conheciam, fincaram novas raízes” (Walker 2018: 15). São povos que têm histórias parecidas, trouxeram saberes originais e modos de vida de diferentes partes do continente para as terras para onde foram levados, passaram por diferentes violações e violências e também precisam pensar sobre si para levar adiante uma ideia de “afrotopia”.

As ideias trabalhadas na obra, mesmo apresentadas antes da pandemia, resistem no tempo mostrando a importância de um projeto de sociedade que coloque no centro o continente africano a partir dos entendimentos e conhecimentos produzidos pelas pessoas de lá. Uma Afrotopia que questione as bases eurocêntricas e norte-americanas – que ditam normas inalcançáveis para outros países e povos – e que valorize outras bases de conhecimento e pensamento sobre ser e estar no mundo. Nesse sentido o livro apresenta um novo horizonte e nos mostra caminhos iniciais dessa caminhada, referenciando, junto a diversos autores, os termos de um outro projeto de sociedade.

### Referências

SARR, Felwine. 2020. *Pour une économie du vivant*. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/economie/felwine-sarr-pour-une-economie-du-vivant> Acesso em: 08/01/2021.

WALKER, Sheila S. 2018. *Conhecimento desde dentro: os Afro-Sul-Americanos falam de seus povos e suas histórias*. Rio de Janeiro: Kitabu Editora.

WOOD, Anna. 2017. *Book review: Afrotopia by Felwine Sarr*. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/africaatlse/2017/12/22/book-review-afrotopia-by-felwine-sarr/>. Acesso em: 23/12/2020.

Recebido em 13 de janeiro de 2021.

Aceito em 09 de junho de 2021..